

BARBA ENSOPADA DE HISTÓRIAS, A NARRATIVA CELEBRADA EM DANIEL GALERA

Stories-drenched beard: the celebrated narrative in Daniel Galera

Suellen Rodrigues Rubira
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

RESUMO

No presente trabalho, abordo as questões de mito, lenda e narrativa na obra *Barba ensopada de sangue* (2012), de Daniel Galera. Pode a narrativa, ela mesma, consistir em um personagem do romance? Para analisar as diversas partes dessa celebração do ato de narrar promovida por Daniel Galera, dividi o trabalho em três partes: a primeira, para falar de algumas teorias que envolvem mito, lenda e ficção encontradas na intrigante história de seu avô, Gaudério. Em segundo lugar, o estudo das narrativas sobre ele mesmo, as quais serão confrontadas com o relato de seu sobrinho e, concluindo, como a descoberta da “verdade” sobre a história do avô irá impactar a vida do protagonista anônimo.

PALAVRAS-CHAVE: Daniel Galera; literatura; narrativa.

ABSTRACT

In this work, I approach issues like myth, legend and narrative in Daniel Galera's *Barba ensopada de sangue* (2012). Can be the narrative itself a character of the novel? In order to analyze the various parts of this celebration of the act of narration promoted by Daniel Galera, I divided the work in three parts: the first one to address some theories which involve myth, legend and fiction, found in the intriguing story of his grandfather, Gaudério. Second, the study of narratives about the main character which are confronted with the account of his nephew and, concluding, how the discovery of the “truth” about the grandfather's story will impact the life of the anonymous protagonist.

KEYWORDS: Daniel Galera; literature; narrative.

Introdução

O que se espera de um romance contemporâneo? É difícil responder, principalmente pelo período ao qual faz parte: o movimento pós-modernismo. O autor de ficção pós-moderna pode querer chocar pela forma, desconstruindo-a e também levar o “brincar com palavras” até as últimas consequências. Entretanto, Daniel Galera, em *Barba ensopada de sangue* (2012), ambiciona não uma desconstrução total: ele traz à tona raízes do ato de contar, algo que a literatura não pode perder.

No presente artigo, para falar da narrativa como personagem principal de Galera, será preciso falar em mito, em lendas, em ficção, em realidade. Pode a narrativa ser personagem? Considerando o fato de o protagonista permanecer anônimo e as sentenças começarem com uma indeterminação, sim. Um exemplo preliminar: “Vê um nariz batatado, reluzente e esburacado como uma casca de bergamota” (GALERA, 2012, p. 13). Quem vê? O protagonista, obviamente. Porém, ao longo da história, com o surgimento de outros personagens, essa noção de que “é óbvio” desaparece um pouco. Apenas com o decorrer dos eventos, acabamos nos acostumando com o fluxo da narrativa e relacionamos automaticamente o sujeito protagonista à essa desinência. Entretanto, a sensação de que poderia ser ele ou outra pessoa é recorrente.

Para analisar as diversas partes dessa celebração do ato de narrar promovida por Daniel Galera, dividi o trabalho em três partes: a primeira, para falar de algumas teorias que envolvem

mito, lenda e ficção encontradas na intrigante história de seu avô, Gaudério. Em segundo lugar, o estudo das narrativas sobre ele mesmo, as quais serão confrontadas com o relato de seu sobrinho e, concluindo, como a descoberta da “verdade” sobre a história do avô irá impactar a vida do protagonista anônimo.

Narrativas: o mito envolve o homem

A trama de *Barba ensopada de sangue* poderia ser resumida da seguinte forma: a busca de verdades. E por verdades, entendamos narrativas.

O ato de contar é algo inerente ao ser humano. De acordo com Nancy Huston, a nossa espécie possui a necessidade de inventar histórias, como uma técnica de sobrevivência. A mortalidade é nosso tendão de Aquiles e, para driblar essa fraqueza, é preciso contar. A finitude da vida abre uma visão daquilo que é o tempo, e daí, é preciso resolver os conflitos surgidos dessa tensão. O porquê das coisas resulta da noção temporal e para descrever o percurso que vai do nascimento à morte, organiza-se, então uma narrativa.

No romance em questão, não é diferente. A obra inicia com um relato feito pelo sobrinho do protagonista a respeito desse tio envolto em um véu misterioso de histórias contadas por aqueles que o conheceram, as quais proporcionam uma vaga ideia de quem é esse homem, mas só passam a fazer algum sentido muito depois. O que o sobrinho conta é (em termos temporais) muito posterior à história prestes a começar.

Afinal, qual é a narrativa distribuída nas mais de 400 páginas de *Barba*? O protagonista, anônimo, é chamado pelo pai em Viamão, porque precisa contar-lhe algo. Ele decide suicidar-se e precisa de alguém que sacrifique a sua cachorrinha Beta, companheira de longa data. Passado o choque de uma notícia tão devastadora, é trazido à tona o caso mal resolvido da morte do avô do protagonista, em Santa Catarina. Para o rapaz, o avô havia morrido de forma desconhecida pelos familiares. E é essa narrativa repleta de lacunas a mola propulsora do romance, juntamente com o suicídio do pai, obviamente.

Sobre o avô do rapaz, Gaudério, o pai não sabe de nada com exatidão: morreu em 1967, durante um baile em Garopaba. As luzes foram apagadas e, quando acendidas novamente, havia apenas uma poça de sangue e nada se sabe do que foi feito de Gaudério, apenas sua morte era certa. Entretanto, quando foi à cidadezinha tratar dos trâmites do enterro, o pai do protagonista pouco descobriu. Gaudério era um encrenqueiro e muito malvisto no vilarejo onde vivia. Segundo o pai:

Teve um baile dominical num salão qualquer lá da comunidade, um daqueles aonde vai a cidade inteira. No auge da festança, falta luz. Quando a luz volta, um minuto depois, tem um gaúcho deitado no meio do salão com uma poça de sangue em volta, dezenas e dezenas de facadas. Todo mundo matou ele, ou seja, ninguém matou ele. A cidade matou ele. Foi o que o delegado me disse. Tava todo mundo lá, famílias completas, provavelmente até o padre. Apagaram a luz, ninguém viu nada. As pessoas não tinham medo do teu avô. Tinham ódio.

Só que eu não acredito nessa história.

Ué, por que não?

Porque não tinha corpo. (GALERA, 2012, p. 27-28)

Suicídio do pai, história nebulosa envolvendo o avô: o protagonista decide manter a cachorra Beta viva, e parte para Garopaba, sem saber muito o motivo, embora para nós, leitores, seja evidente a conexão entre história do avô mais suicídio do pai. Descobrir o que aconteceu *de fato* torna-se uma obsessão na vida desse anônimo, mas não de modo muito claro. A princípio, parece apenas querer se distanciar de sua velha rotina, por outro lado, algo inexplicável o impele para a investigação dos eventos envolvendo Gaudério.

Em Garopaba, já instalado e com algumas amizades, o protagonista percebe não ser bem visto quando fala do avô. É uma dessas estranhezas que podemos ver logo quando ele tenta tocar no assunto com alguns pescadores:

Ah, fez bem [em se mudar para Garopaba], porque a vida aqui é muito boa e isso aqui é lindo demais.
 É mesmo.
 É um sossego só. Ver o mar de manhã.
 Não tem preço.
 Só gente boa aqui. Sabia que nunca mataram ninguém aqui em Garopaba?
 Nunca?
 Já morreu muita gente, claro, mas assim de assassinato nunca. É muito sossego aqui. Quase não tem violência.
 Duvido que nunca tenham matado ninguém.
 Marcelo não responde. As marolas fazem cócegas no ar parado.
 Ouvi dizer que meu avô morreu aqui.
 Como ele se chamava?
 Chamavam ele de Gaudério.
 Ninguém diz nada de um jeito que diz muita coisa. Decide insistir.
 A história que eu sei é que mataram ele aqui.
 Aqui? Como que pode? Acho que não.
 Mas foi o que meu pai me disse. (GALERA, 2012, p. 65)

O fragmento é longo, mas essencial para demonstrar o clima tenso e de hesitação causado pela simples menção da história do assassinato de Gaudério. Aqui, coexistem de modo não precisamente marcado a voz do pescador, a do protagonista e a do narrador do romance. Tudo se mistura, como se todos, de algum modo, fossem contadores de história. Em muitos outros momentos podemos perceber como este assunto causa desconforto nos habitantes e o quanto é possível ver de Gaudério no protagonista, semelhança muito ligada à aparência, mas também ligada ao temperamento, embora o rapaz seja uma pessoa calma. O narrador revela: “diz que ele e o avô não eram semelhantes apenas no sorriso, mas em numerosos aspectos físicos e de comportamento. [...] Que aquele sanguezinho indígena do avô tinha pulado o filho e caído no neto” (GALERA, 2012, p. 18).

É nessa atmosfera de poucos amigos e palavras onde o protagonista vai tentar se desligar de seu passado, mesmo que algo o empurre para lá, para a “verdade” sobre Gaudério. Entretanto, é impossível ter uma noção tão concreta sobre o avô. Não conheceu o homem e aquilo que ouve está envolvido num emaranhado de ficções.

O personagem lança mão de várias perguntas para desvendar o mistério: como? Por quê? Quando? A incompletude do caso do avô parece lançar uma lacuna em si mesmo, visto que antes de saber da existência desse mistério nunca lhe passara pela cabeça mexer em tal assunto. Buscar o Sentido é a nossa necessidade, de acordo com Nancy Huston:

Real-real: ele não existe, para os humanos. Real-ficção apenas, por todos os lados, sempre, uma vez que vivemos no tempo. A narrativa se desenvolveu em nossa espécie como uma técnica de sobrevivência. [...] Mais fraco do que os outros grandes primatas, ao longo de milhões de anos de evolução, o Homo Sapiens entendeu o interesse vital que teria em dotar, através de suas fabulações, o real de Sentido. (HUSTON, 2010, p. 19)

Dois fatos impactantes na vida do personagem – suicídio do pai, caso em aberto do avô –, é chegado o momento de preencher as lacunas. Segundo Bertrand Bergeron, esse desejo de completude faz parte de duas tendências naturais, a de crer em e o horror do inacabado, explicados pela psicologia da Gestalt. Ainda, de acordo com o autor, a respeito de um experimento realizado envolvendo formas incompletas, ele afirma:

Esse comportamento [isto é, completar formas] apenas ilustra experimentalmente uma das leis fundamentais do psiquismo humano segundo a psicologia da Gestalt: “A forma é tão boa quanto pode ser nas condições atuais”. Logo, os conceitos e os pensamentos são também formas. Se eles apresentam, como as projeções espaciais, incompletude ou inacabamento, o espírito terá naturalmente tendência a preencher essa lacuna, adicionando-lhe o prolongamento correto. E, nesse caso, o prolongamento correto se faz no sentido do sobrenatural e esse sobrenatural somente pode se manter pela fé que nele depositam aqueles que o evocam como a única solução possível para o dilema com o qual são confrontados. (BERGERON, 2010, p. 29-30)

Uma das coisas mais impressionantes para o personagem anônimo é como os habitantes da vila ignoram acontecimentos importantes, cruéis, como se evitá-los fizesse com que não existissem. Isso se dá num episódio no qual o rapaz encontra num banco da academia onde trabalha um jornal de dois dias atrás, com uma notícia brutal. Acha muito estranho que nada tenha sido comentado a respeito daquilo nos últimos dias:

Antes do feriadão de primeiro de maio cai na mão dele um exemplar de um jornal editado em Tubarão que traz na capa a notícia de que o corpo de uma guria de dezesseis anos que morava na praia da Pinheira havia sido encontrado na vegetação às margens da rodovia BR-101, um pouco ao norte de Paulo Lopes, poucos quilômetros acima do trevo da entrada de Garopaba. Estava sem olhos e sem lábios e havia sinais claros de estrangulamento, que foi a provável causa da morte. (GALERA, 2012, p. 126)

Até chegar a esse ponto, o rapaz sabe que o lugar escolhido para levar uma vida tranquila ignora tudo aquilo o qual possa colocar em risco a tal paz prometida pelo lugarejo. Na esperança de descobrir mais sobre o caso de Gaudério, faz uma visita à delegacia da cidade e apenas descobre o nome do investigador do caso de Gaudério na época. A história contada pelo investigador se assemelha bastante à do pai, com o diferencial de que nem ele, Zenão Bonato, vira o corpo do homem na noite do assassinato, apenas adiciona outros dados imprecisos e desconcertantes sobre a vida do homem:

Tem outra coisa que eu ia perguntar pro senhor. Ouvi dizer que corria um boato, na época, de que o Gaudério tinha matado uma guria. [...]
É verdade. Foi uma das coisas que apareceram nos interrogatórios que fiz. Tu não conheceu teu avô, né? Se algo ficou claro pra mim é que se tratava de um encrenqueiro. Teve uma morte não esclarecida de uma menina uns meses antes de apagarem ele. Acho que a comunidade suspeitava do teu avô e pode ser que deram cabo dele por causa disso. Se foi ele ou não, é outra história. (GALERA, 2012, p. 225)

Depois de muitos acontecimentos na vida do protagonista (romances, emprego, rotina, amizades), eis que ele finalmente encontra dona Santina, a ex-namorada de Gaudério na época do assassinato, quem pode esclarecer tudo sobre o que *realmente* aconteceu naquela noite mergulhada em nuvens densas de imprecisão. O resultado é mais surpreendente, porque dona Santina afirma que Gaudério ainda está vivo:

Mesmo quem sabia que ele tava vivo alimentava essas histórias pra ajudar a acreditar que ele tinha morrido, pra ajudar a esquecer. Vergonha e medo. Isso é tudo.
Mas ele não morreu?
A gente se encontrou três vezes.
Onde ele vivia?
Nos morros.

Uma casa no morro?

Não, nos morros por aí. Mas ele tava louco. Não sobrou muita coisa. Era bem triste. Bem triste. (GALERA, 2012, p. 307)

Todas as histórias expostas até esse momento contêm pontos que se interceptam, portanto é possível eleger como cerne da história de Gaudério o fato de que ele era um homem difícil, encenqueiro, assassinado durante um baile da cidade, no qual as luzes foram apagadas e ao retornar das luzes, havia desaparecido, podendo variar em alguns aspectos, como os narrados por dona Santina, que garante que o corpo estava lá quando as luzes voltaram, mas Gaudério, mesmo muito ferido, conseguiu escapar, prometendo matar cada uma das pessoas envolvidas naquela confusão.

Entretanto, no meio dos dados que se repetem, há aqueles que se modificam, tornando a personalidade de Gaudério muito mais misteriosa do que pode parecer, narrativas que revelam o mito em quem se tornou o homem.

Primeiramente, chamava a atenção o excesso de vigor físico do avô. A última vez que Hélio (o pai do protagonista tem nome) o viu, estava um pouco magro, mas ainda forte. Era reconhecido como um prodígio em apneia:

Semanas antes de eu chegar um mergulhador mais ou menos da idade dele, acho que era um militar catarinense, tinha morrido de embolia ao tentar equiparar um tempo de mergulho do meu pai. Posso estar enganado, faz tempo que ouvi a história, mas era coisa de quatro, cinco minutos embaixo d'água. (GALERA, 2012, p. 25)

Outro momento que abarca a variedade de histórias a respeito de Gaudério é contado por dona Santina:

O que te disseram? Que ele é um fantasma? Que ele é um demônio? Que ele nunca morre? Disseram que ele trouxe uma maldição para Garopaba? Que ele mata as meninas para se vingar? Não tinha lugar pro Gaudério aqui mas ele insistiu em ficar. Que bicho teimoso. Diziam que ele tinha matado a menina do José Feliciano mas não foi ele. [...] Até hoje o povo acha que é assombração. Que só de falar nele aparece e acontece tragédia. [...] Quando morre uma menina dizem que é ele. Mesmo quando encontram o assassino verdadeiro. É uma crença que ninguém mais tira. (GALERA, 2012, p. 305-307)

Em sua busca por Gaudério, o protagonista encontra um casal acampando nos morros que ficam no caminho para o local onde supostamente está o avô. Sobre o ser enigmático escondido nas grutas, eis o que é dito quando o rapaz pede uma indicação sobre o caminho de volta à Garopaba pela praia de Pinheira:

É perto. Só tem que cuidar pra não errar a trilha. Tem várias que entram pelo morro e vão dar em lugar nenhum ou na caverna do velho.

Caverna do velho.

Tem um velho que mora numa caverna.

Onde?

Do outro lado do vale.

Como chega?

Ele não recebe ninguém. E não fica sempre ali. É o que me disseram, pelo menos.

Nunca fui. Ninguém vai.

Mas como se chega?

[...]

Tem uma cerca de arame farpado e dali tu consegue ver a caverna. Os pescadores da Pinheira dizem que ele tem duzentos anos e às vezes deixam peixe e farinha para ele na trilha. Deve ter alguma doença contagiosa porque sempre avisam pra não passar muito perto. (GALERA, 2012, p. 358-359)

As histórias criadas a partir da existência de Gaudério tornam-no um mito, não ao estilo clássico, obviamente, mas na acepção contemporânea do vocábulo. Entretanto, a repetição dessa história através das mais diferentes pessoas, possuindo um pano de fundo relativamente uniforme, “mitifica” o homem. A respeito do mito, Eliade afirma:

[...] o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é “verdadeiro” porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (ELIADE, 1972, p. 6).

Não se pretende, neste estudo, dizer que Gaudério atingiu um patamar mítico em Garopaba, pois o estudo de Eliade diz respeito a comunidades arcaicas que conservam o mito: suas histórias, seus ritos, como uma verdade em seu círculo social. Por outro lado, não se pode negar o poder da história de Gaudério ao longo de tantos anos – o assassinato é em 1967, o protagonista vai morar na cidade em 2008. Para os moradores de Garopaba, o fantasma daquele homem, seus crimes e sua imoralidade são reais.

Thomson Highway, de modo a expandir os horizontes sobre o assunto, compara as três principais mitologias existentes na sociedade atual e elege o mito como aquilo que dá sentido ao mundo. Para o autor canadense, a mitologia estaria mais ligada a um pensamento coletivo, o qual pode ser o de uma comunidade, uma vila, um país. Seria um conjunto de paradigmas que orientariam a vida de um grupo determinado de pessoas. Sobre o mito, afirma:

That was the myth. [...] And that, ladies and gentlemen, is precisely the region of our collective dream world, our collective subconscious, where men sprout wings, horses sprout wings, creatures half-man and half-goat, half-woman and half-fish, half-man and half-coyote, half-woman and half-spider, snakes talk to women [...].(HIGHWAY, 2003, p. 25)

Portanto, de acordo com Highway, a mitologia liga os indivíduos pertencentes a uma rede de crenças de nosso subconsciente:

Every race, every language, even every city, every town, every village has its own [mythology]. Many hold immense similarity one to the other, many differ quite drastically, but the fact remains that each and every one of these mythologies defines the collective dream world, the collective subconscious of that people. (HIGHWAY, 2003, p. 27)

É o mito que torna possível que Gaudério, depois de ter sofrido centenas de punhaladas às escuras consiga fugir para as montanhas. É o mito que diz haver um velho de mais de duzentos anos escondido nas grutas, e que ele mata meninas jovens de vez em quando.

Por conta de diversas características lendárias, podemos entender a história de Gaudério como uma lenda e sua figura como um “mito”, na acepção mais usual, figura que desperta curiosidade, admiração. Entretanto, são muitos os aspectos lendários contidos nas histórias sobre este homem. Bertrand Bergeron, sobre a lenda, distingue dois tipos de sobrenatural: o convencional e o real. O primeiro, como o próprio nome já ilustra, nasce de uma convenção, nele “acreditamos o tempo necessário, pontualmente” (BERGERON, 2010, p. 31). A outra forma de sobrenatural, real, é mais complexa. De acordo com Bergeron:

É um sobrenatural que qualificaremos de real, no qual as pessoas creem permanentemente e com o qual elas podem se confrontar em algum momento de suas vidas. Ao contrário do sobrenatural imunodeficiente do conto, o sobrenatural

real infecta e coloniza o cotidiano com invasões brutais e inesperadas que atrapalham o curso normal da existência. (BERGERON, 2010, p. 33)

Esse sobrenatural real divide-se em outras duas categorias: essencial (Deus, teologia) e modal (contos e lendas). Entretanto, interessa-nos mais os elementos da lenda que dialogam com a narrativa sobre Gaudério. A lenda, assim como o sobrenatural, irá ter suas diferenciações, por ser uma ramificação das narrativas livres:

Se o narrador veicula geralmente as lendas que quer, é a sociedade que regula suas crenças e determina, com critérios rígidos ou flexíveis, o que é aceitável acreditar. O informador possui a liberdade a priori de contar a lenda que quer, mas a opinião coletiva somente aceitará como tal se ela estiver de acordo com as suas representações aceitas do sobrenatural. A posteriori, então, o narrador é limitado pelo consenso social. (BERGERON, 2010, p. 48)

Dessa forma, a partir de um evento insólito envolvendo Gaudério, isto é, após ser esfaqueado exaustivamente e, mesmo assim, conseguiu fugir, a comunidade presente no local inventou formas de explicação para tal caso, gerando uma lenda viva em Garopaba, mesmo após tantos anos.

Sobre o anônimo e o ser de novo

A história do protagonista, conhecemos a partir do que nos conta o narrador do romance, que nos dá livre acesso às vozes dos personagens, uma vez que não existem marcas textuais para discurso direto ou indireto. As personagens falam e o leitor sabe quem diz o quê, como em uma conversa. O romance, portanto, mostra a “história verdadeira” do protagonista.

Entretanto, como acontecera com a história do avô, o relato do sobrinho revela as mesmas suposições encontradas outrora. A história se repete. Isso nos leva a pensar em destino, eterno retorno (no sentido da repetição de narrativas), circularidade. Muitos outros traços, além do “sanguezinho indígena”, ligavam neto e avô: semelhança do sorriso e, também, de atitudes.

O sobrinho, tal qual o personagem anônimo, saiu em busca de informações sobre o tio, e as semelhanças com a história de Gaudério (não?) são mera coincidência:

Meu tio morreu afogado tentando resgatar uma banhista que caiu das pedras na praia da Ferrugem num dia de ressaca assustadora com ondas de três metros explodindo na costa. A banhista se agarrou à boia e foi socorrida em seguida por outros salva-vidas. O corpo do meu tio nunca foi encontrado. (GALERA, 2012, p. 7)

A valentia, a extrema força física e também o companheirismo de Beta, a quem foi atribuído à capacidade de nadar como um golfinho embora fosse manca, faziam parte das histórias lendárias e pitorescas, de acordo com o sobrinho. Os “fatos” eram que o protagonista era treinador de atletas para triatlo e, durante muito tempo, atuou como salva-vidas. Entretanto, também na categoria de lenda, as pessoas não acreditavam que estava realmente morto:

O restante dos depoimentos é composto de uma sobreposição caleidoscópica de rumores, lendas e narrativas pitorescas. Diziam que ele era capaz de passar dez minutos debaixo d’água sem respirar. Que o cachorro que o seguia por toda parte era imortal. Que tinha enfrentado dez nativos ao mesmo tempo numa briga com as mãos limpas e vencido. Que nadava à noite de praia em praia e era visto saindo do mar em lugares distantes. Que tinha matado gente e por isso era discreto e recolhido. Que oferecia ajuda a qualquer pessoa que fosse procurá-lo. Que tinha habitado aquelas praias desde sempre e para sempre habitaria. Mais do que uma ou duas pessoas disseram não acreditar que ele estivesse realmente morto. (GALERA, 2012, p. 9)

Como leitores, temos o privilégio de saber como as histórias lendárias ocorreram. De fato, a cachorrinha Beta nadava com o rapaz, mas sua imortalidade pode ser atribuída ao fato de que sobreviveu a um grave atropelamento. O protagonista, em certo episódio, está voltando para casa quando um grupo de homens o ataca, espancando-lhe durante um blecaute. Esse acontecimento virou a briga com dez nativos, e tantos outros momentos podem ser “confrontados”. No entanto, a magia de *Barba ensopada de sangue* reside justamente nesse detalhe: não precisar de confirmações.

Nas lendas urbanas, dentre seus vários cernes, surge o receio do estrangeiro. Ambos, avô e neto, por serem gaúchos, representam o perigo do diferente, mesmo sendo do mesmo território, em termos de país. Em geral, aparecem nas lendas animais e plantas, entretanto, o fato de Gaudério ser gaúcho tem impacto nos comentários dos moradores, os quais sempre relatavam que naquela época havia muitos gaúchos na cidadezinha. Em artigo sobre boatos e lendas, Jean-Bruno Renard assinala aspectos importantes das lendas urbanas que servem para essa lenda mais tradicional de *Barba ensopada de sangue*:

O boato ou a lenda revela uma informação ou uma situação surpreendente. Frequentemente, trata-se de uma advertência que diz respeito a um perigo [...] evoca, indiretamente, um problema social e atual. Os boatos que os meios irão circular são aqueles que evocam, simultaneamente, vários problemas sociais; o boato espalha uma mensagem moral, permitindo distinguir entre os bons e os maus. Coloca em cena uma justiça imanente; o boato ou a lenda resgata temas folclóricos antigos. É a forma moderna das narrativas lendárias de antigamente. Como os contos e lendas do passado, quanto maior forem a simplicidade e a força de carga simbólica dessas narrativas, maior será o sucesso obtido. (RENARD, 2007, p. 103-104, grifos no original)

Tanto as histórias sobre Gaudério quanto as relativas ao rapaz nasceram de um boato: brigas, confusões, as quais tomaram proporções maiores e adquiriram uma força, tornando-se lendas. A lenda urbana, propriamente dita, apresenta características diferentes das analisadas em *Barba...*; entretanto, os pontos destacados por Renard dialogam com a narrativa sobre o velho e o personagem anônimo.

O encontro de uma verdade, conclusões parciais

Após tantos obstáculos para descobrir o que realmente aconteceu com o avô, o protagonista tem sua recompensa. Durante vários dias encara a tarefa de chegar até o morro do Freitas para verificar se as informações de dona Santina estão corretas. A reação do velho é a mais surpreendente: expulsa o rapaz da gruta, dando-lhe uma facada, de raspão.

O que era verdade? Que Gaudério ainda estava vivo, isolado do mundo. O que era mito? Seus duzentos anos e a lenda de que matava meninas. Aquilo pode ser observado pelo neto ali, naquele local misterioso. A natureza geralmente invoca um fundo sobrenatural/espiritual denso, desde as peças de Shakespeare e aqui é a conjunção entre a busca e o objeto, entre tudo o que foi dito e o observado.

O personagem se vê intrigado com a reação do avô. Por que tal atitude violenta? Na verdade, o rapaz experimenta o famoso dito de Nietzsche: “quando você olha para o abismo, ele olha de volta para você”. Sobre isso, ele pensa apenas muito tempo depois, quando já está em casa, recuperando-se dos percalços para voltar a Garopaba:

Entra no banheiro, se olha no espelho e enxerga um velho. Passou a vida toda vendo o rosto pela primeira vez na imagem refletida mas agora é diferente. Pode ver os contornos da caveira por trás da testa e das maçãs do rosto. Os olhos estão encovados nas órbitas. A barba comprida está cheia de areia. Não lembra como era antes mas sabe que não era assim. Entende agora o que seu avô viu. Uma aparição, uma versão mais jovem de si mesmo. Algo que não devia estar ali. (GALERA, 2012, p. 377-378)

Se há a impossibilidade da existência de um narrador, ao estilo proposto por Benjamin, no romance, o povoado de Garopaba simboliza esse narrador. Segundo o autor, “o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”(BENJAMIN, 1985, p. 200).

É essa a função, em certa medida, dos moradores de Garopaba. Eles transmitem uma história poderosa ao longo dos tempos, aconselham: não chegue perto da caverna, ali mora um velho. Gaudério é uma assombração, ainda paira na atmosfera da praia e virá para matar os filhos daqueles que tentaram lhe matar. O narrador do romance nos mostra cenas. Mostra detalhes – por vezes enfadonhos – do entorno, das atitudes. Entretanto, a vida de cada personagem é sentida através de suas próprias vozes.

Ao longo do romance, observamos várias outras histórias que habitam o imaginário popular de Garopaba, como o caso ocorrido com Jasmim, uma moça com a qual o protagonista acaba se envolvendo. O vizinho, seu Joaquim, acredita na existência de um tesouro enterrado em seu quintal. De acordo com a narrativa lendária, se a pessoa sonha três vezes com o tesouro e tenta recuperá-lo, acaba morrendo em poucos dias. Jasmim sabe dos causos contados pelos nativos e alerta o protagonista:

Depois, ele compartilha o que descobriu sobre o avô e ela avisa que ele deve tomar cuidado ao mexer com esse tipo de história antiga envolvendo morte e mistérios pois o povo de Garopaba é muito supersticioso e ela própria tem tido problemas com isso por causa de uma lenda local sobre tesouros enterrados. Dizem que quando uma pessoa sonha três vezes que tem um tesouro enterrado num determinado local é porque é verdade, mas se a pessoa que sonhou desenterrar o tesouro ela morre. (GALERA, 2012, p. 260)

Os narradores de Garopaba são viajantes ao mar ou comerciantes locais, mais um dado que Walter Benjamin apreciava: são essas pessoas as quais possuem as mais incríveis histórias. Desse modo, o romance não é sobre a vida desse protagonista anônimo, mas sobre perseguir narrativas e fazer parte de outras novas histórias.

Uma última consideração: a nota sobre o autor revela a inspiração para o romance:

Deixo agradecimentos especiais ao amigo e companheiro de braçadas marítimas Mário Martins da Silva Jr., pela sabedoria e generosidade sem limites, e ao meu pai, Gilson Galera, que me contou a história de onde veio todo o resto. (GALERA, 2012, p. 423)

Não creio ser necessário ou relevante buscar na biografia de Daniel Galera se esse protagonista é ele mesmo. O interessante, nesta nota, é como uma narração, a do pai, Gilson, deu origem a um romance que celebra o grande mote da espécie humana: a narrativa.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- BERGERON, Bertrand. No reino da lenda. Trad. Sylvie Dion e Danieli de Quadros. *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG – Série Traduções*, n. 6, set. 2010.
- ELIADE, Mircea. A estrutura dos mitos. In: _____. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GALERA, Daniel. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HIGHWAY, Thomson. *Comparing mythologies*. Ottawa: Univeristy of Ottawa Press, 2003.

HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora*: um breve estudo da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2010.

RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. Trad. Eduardo P. Barros. *Revista Famecos*, PUCRS, Porto Alegre, n. 32, p. 97-104, abr. 2007.

Recebido em: 15 nov. 2017.

Aprovado em: 23 jan. 2018.